

Valor Econômico, 08 de setembro de 2020

Petrobras volta a vender campos, depois de quatro meses

Com os negócios fechados, novas pequenas petroleiras despontam no mercado

Por: André Ramalho

Passado o período mais crítico do choque do petróleo, as aquisições de campos maduros da Petrobras voltaram à ativa. A estatal chegou a ficar quatro meses sem conseguir assinar um novo contrato sequer, entre março e julho, mas vem acelerando o ritmo dos processos. De saída da produção em terra, a estatal vendeu, só em agosto, quatro ativos que lhe renderão US\$ 285 milhões. Com os desinvestimentos, novas pequenas petroleiras despontam no mercado.

Os novos contratos acompanham a recuperação gradual dos preços do barril, que depois de cair para menos de US\$ 20 em abril, estabilizou-se acima dos US\$ 40 nos últimos dois meses.

O secretário executivo da Associação Brasileira de Produtores Independentes de Petróleo e Gás (ABPIP), Anabal dos Santos Júnior, conta que a Petrobras tem acelerado o ritmo dos processos de desinvestimentos, alguns deles abertos já há três anos. Ele lembra que a Agência Nacional de Petróleo (ANP) deu um prazo, já adiado em situações anteriores, para que a empresa se desfaça dos ativos que não lhe interessam mais até o fim do ano. Além disso, a estatal corre para levantar caixa e para se livrar de ativos com custos operacionais mais elevados, num contexto de menores margens.

“A Petrobras vem encurtando prazos que eram excessivamente dilatados nas negociações, acelerando ritos, e aumentando o tamanho dos polos à venda”, afirmou.

Os campos maduros da Petrobras têm se tornado um negócio atrativo para o private equity. A mais nova estreante, nesse segmento, por exemplo, é a Karavan Oil. A empresa arrematou o Polo Cricaré (ES) por US\$ 155

milhões, em sociedade com o Seacrest Capital Group, fundo internacional que investe em óleo e gás.

O Seacrest já atuava no Brasil, por meio da AziLat, em concessões de exploração nas bacias do Ceará e Potiguar. Com foco até então voltado para o offshore, o fundo viu na abertura dos campos terrestres uma oportunidade interessante e se associou à Karavan - chefiada por Fabiano Ramos, ex-diretor do Merrill Lynch e do ING Barings, ao lado de um time de egressos da Petrobras e da antiga HRT. Com a compra, a Karavan assume uma produção de 1,7 mil barris/dia.

A compradora de campos maduros mais ativa nesses últimos meses tem sido a 3R Petroleum, empresa controlada pela Starboard que se prepara, agora, para uma abertura de capital. A companhia opera desde julho o Polo Macau (RN), adquirido por US\$ 191 milhões, e desde então assinou mais dois novos contratos, num total de US\$ 129,4 milhões, para assumir os polos Rio Ventura (BA) e Fazenda Belém (CE). Os negócios consolidam a empresa como maior produtora privada de óleo em terra no Brasil, ao lado da Petrorecôncavo, com volumes da ordem de 5,8 mil barris/dia.

Com investimentos do fundo Opportunity, a Petrorecôncavo não é bem uma novata, mas em 2019 deu um importante passo de expansão no país, ao comprar da Petrobras o polo Riacho da Forquilha (RN), por US\$ 356,3 milhões.

“Com a taxa de juros baixa, dinheiro está buscando projeto. A abertura de capital da 3R Petroleum demonstra a liquidez do mercado. Essas empresas [novatas] não são de exploração, elas contam com ativos que geram fluxo de caixa, isso é facilitador para quem empresta”, afirmou o professor do Grupo de Economia da Energia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (GEE/UFRJ), Edmar Almeida.

Petrorecôncavo, 3R e Karavan largam na frente, na corrida por um mercado em transformação. Segundo a ANP, as petroleiras privadas respondiam em julho por 13% da produção em terra, no Brasil - há um ano, a fatia era de 4,5%.

“Vai começar a haver uma consolidação nesse setor. A crise é ruim para algumas empresas, mas traz oportunidades para quem está bem

posicionado”, disse o ex-secretário do Ministério de Minas e Energia e atual presidente da empresa EnP, Márcio Félix.

Para Edmar Almeida, a abertura do refino também favorece, na medida em que diversifica os clientes. “Além disso, a tecnologia de mini-refinarias avançou muito nos últimos anos, traz perspectivas de novos modelos de negócios”, aposta.

Já Anabal, da ABPIP, é mais cético quanto aos efeitos da abertura do refino. “Acredito que no longo prazo teremos um mercado maduro, mas, num primeiro momento, há um debate sobre até que ponto a venda das refinarias da Petrobras pode criar monopólios privados regionais”, comentou.

Link

original:

<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/09/08/petrobras-volta-a-vender-campos-depois-de-quatro-meses.ghtml>